

Sex, 04 de Janeiro de 2013.
07:11:00.

O GLOBO | SEGUNDO CADERNO
CINEMA | FILMES

DO BARULHO

Festejado no exterior com prêmios em festivais e citado entre os melhores do ano do 'New York Times', o filme 'O som ao redor' estreia hoje

RODRIGO FONSECA
rodrigo.fonseca@oglobo.com.br

RIO - Entre os 32 filmes brasileiros já com data para estrear daqui até dezembro, nenhum tem um currículo tão premiado e de tanta exposição fora do Brasil quanto o thriller pernambucano "O som ao redor", enfim em cartaz a partir de hoje. Dirigida pelo crítico de cinema Kléber Mendonça Filho, estreante em longas-metragens de ficção aos 44 anos, a produção de R\$ 2 milhões já correu 46 festivais, sendo 39 deles fora do Brasil. Começou pelo Festival de Roterdã, na Holanda, em fevereiro passado, de onde saiu com o prêmio da crítica, dado pela Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci). Contabilizou mais 12 prêmios, entre eles os de melhor filme no **Festival do Rio** e na Mostra Internacional de São Paulo e o Kikito de melhor direção em Gramado. Radiografia da classe média recifense a partir de um bairro cuja rotina muda após a chegada de uma milícia, o longa ainda entrou na enquete de melhores do ano do jornal "The New York Times".

— *Há uma tendência hoje no mundo, muito forte também no Brasil, de que filmes que não foram feitos com a clara e espetacular intenção de ganhar dinheiro, amparados por milhões em marketing, não serão vistos pelo público. Felizmente, "O som ao redor" teve uma repercussão que o dinheiro não é capaz de comprar — diz Mendonça, cujo longa será distribuído pela Vitrine Filmes em 12 salas, no Rio, em São Paulo e em Recife, inaugurando o circuito nacional de filmes autorais de 2013.*

Retrospectiva de curtas em NY

Entre os 59 atores e 231 figurantes usados nas 57 locações de "O som ao redor", que tem convites para ir a mais sete festivais estrangeiros até abril, só há um rosto conhecido: o de Irandhir Santos, de "Tropa de elite 2". Em "O som...", que foi produzido pela francesa Emilie Lesclaux (casada com Mendonça desde 2005), Irandhir é Clodoaldo, líder da célula miliciana que se instala numa região cujos condomínios mais visados pertencem a Seu Francisco (W. J. Solha). Reminiscente da aristocracia canvieira pernambucana, Francisco domina o bairro como um senhor feudal, sem pudor de desprezar os negros que lhe servem. O racismo é apenas uma das hipocrisias morais discutidas entre os diferentes núcleos do longa.

— *Lutas de classes acontecem diariamente no Brasil, a olho nu, na rua, em casa, no trabalho, na cozinha, nos elevadores dos edifícios de qualquer cidade do país — afirma Mendonça, que passou a adolescência estudando em Colchester, na Inglaterra, entre os 14 e os 18 anos.*

Ao voltar, ele iniciou uma carreira paralela à de jornalista como realizador de vídeos e curtas-metragens, totalizando 18 produções que somaram 120 prêmios mundialmente. "Recife frio" (2009), ficção científica sobre uma mudança térmica em sua cidade (que expõe contradições sociopolíticas diversas), é o mais famoso de seus curtas. E, a partir de 13 janeiro, eles estarão em retrospectiva no Museum of the Moving Image, em Nova York. Completam o programa seus "Noite de sexta, manhã de sábado" (2006), "Eletrodomésticas" (2005), "Vinil verde" (2004) e "Menina do algodão" (2002). Agora, ele começa a deixar de lado o ofício de jornalista especializado, que exerceu por 12 anos no "Jornal do Commercio", de Pernambuco, e que foi destacado na resenha elogiosa de A.O. Scott, do "New York Times" a "O som ao redor". "Sr. Mendonça, um ex-crítico de cinema cujo domínio da narrativa é, ao mesmo tempo, formidável e sutil, vai além das comédias sobre pessoas de classe alta e baixa cujos destinos colidem em uma pequena localidade", escreveu Scott.

Com seus curtas e suas análises críticas (marcadas por um humor abrasivo), Mendonça se tornou referência para uma nova geração de realizadores de seu estado, considerado um canteiro de invenção audiovisual. Sua influência vem ainda de seu trabalho como programador da sala de cinema da Fundação Joaquim Nabuco e como diretor da mostra Janela do Recife, realizada há cinco anos, em novembro.

— Kléber fez filmes que sempre refrescaram e nortearam novas possibilidades de cinema — diz Gabriel Mascaro, realizador de 29 anos, que, ao lançar “Avenida Brasília Formosa” (2010), virou uma promessa pernambucana.

Segundo longa a caminho

Em 2008, Mendonça fez um primeiro exercício em longa-metragem, mas de linhagem documental: “Crítico”. Nele, o diretor propôs um balanço dos profissionais que ganham a vida resenhando filmes, assim como ele fez no passado.

— Não é preciso saber a história do cinema para fazer cinema, mas ajuda bastante — diz o cineasta, que com “O som ao redor” virou estandarte de uma nova estética pernambucana, capaz de tratar com mais radicalismo narrativo o cabresto coronelista do Nordeste.

Dos realizadores conterrâneos que representaram a estética pernambucana antes dele, Mendonça recebe bênçãos, como atesta Marcelo Gomes, diretor de “Cinema, aspirinas e urubus”:

— O bairro de Setúbal é microcosmo da classe média brasileira. “O som ao redor” constrói uma gramática perfeita para revelar esse mundo, captando toda a atmosfera de feiura de uma sociedade dividida em classes — diz Gomes.

Com colegas como ele, Mendonça aprendeu a valorizar diretores que “fogem de caminhos testados”.

— Se você toma caminhos menos percorridos e tem segurança nisso, seu filme será peculiar. Queria que “O som ao redor” fosse uma descoberta para o espectador em relação às caras que estão no filme e que dão a ele a sua cara — explica Mendonça, que já prepara seu segundo longa, “Bacurau”, sobre uma equipe estrangeira de cinema empenhada em filmar uma comunidade que acredita ser de “gente simples”.